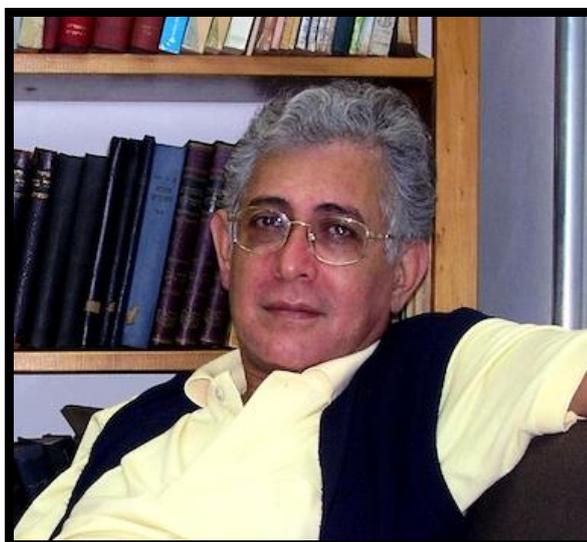


ENTREVISTA

[PROF. MOACIR AMÂNCIO]¹

O professor Moacir Amâncio é tradutor de um dos textos mais emblemáticos da história da humanidade: o Talmud Babilônico, publicado no Brasil pela Editora Iluminuras (2003). Seu trabalho consistiu na tradução e comentários de excertos desta compilação dos diálogos rabínicos, que ao longo da história se constituíram em um dos mais importantes documentos sobre lei, ética, costumes e história do pensamento do povo judeu. O Talmud representa a tradição e o conhecimento do povo judeu, que em sua longa trajetória em diáspora encontrou na oralidade talvez a única forma de preservar suas tradições e sua identidade. Por isso, o texto inspirou e inspira toda a sorte de meditações existenciais, filosóficas, científicas, poéticas e religiosas. Nessa entrevista, Moacir Amâncio gentilmente nos introduz algumas questões em torno do Talmud como um documento fundamental para o conhecimento do pensamento judaico.



¹ Professor Moacir Amâncio Jornalista, ensaísta, poeta, professor e doutor em Língua Hebraica e Literatura Judaica da Universidade de São Paulo. Estreou publicando contos e novelas experimentais e só mais tarde passou a se dedicar à poesia. Atuou em diversas publicações: desde a revista *Shalom* nos anos de 1970 até a revista *Visão* e os jornais *Gazeta Mercantil*, *O Globo* (sucursal), *Diário Comercio e Indústria*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, onde foi repórter, redator e editor. Em 1993 ganha o Prêmio Jabuti com o livro de poemas *Do objeto útil* (Iluminuras). Outros livros: *Figuras na sala* (Iluminuras, 1995); *O olho do canário* (Musa Editora, 1998), *Coiores sigüientes* (Musa Editora, 1999), *Contar a romã* (Globo, 2001); *Óbvio* (Travessa dos Editores, 2004); *Samaritanos e outros filhos de Israel*, (Musa Editora, 1997), livro de reportagens e crônicas; e *Dois palhaços e uma alcachofra* (Nankin Editorial, 2001); *Yona e o Andrógino: notas sobre poesia e cabala* (2010).

Último Andar: Em primeiro lugar, Professor Moacir Amâncio, a equipe da Revista *Último Andar* agradece esta entrevista. O Talmud, como a Torá ou Pentateuco, é um dos livros que estruturam a religião judaica. É possível considerar o Talmud como uma interpretação da Torah, que ao longo de séculos se desenvolveu na história do povo judeu, que por inúmeras circunstâncias foi obrigado a viver em diáspora?

Moacir Amâncio: Sim, mas aí há uma peculiaridade muito importante. O Talmud é antes de tudo um longo debate sobre a Mishná, ou seja, a Lei Oral, enquanto a Torá de Moisés é a Torá Escrita. Isso significa que a Mishná, codificada no século 2 da era comum por Yehudá HaNassi (até então isso era vetado, embora já tivessem tentado registrar essas tradições por escrito), se volta para o estudo (Talmud quer dizer isso mesmo, estudo) das regras de comportamento que, para os judeus tradicionais, foi dada a Moisés no Sinai, juntamente com o Pentateuco. As discussões foram registradas e editadas na Terra de Israel, primeiro no chamado Talmud de Jerusalém e depois na Babilônia: o Talmud Babilônico, mais completo e que se tornou o grande modelo rabínico do judaísmo. As discussões focam os pontos da lei oral, mas à luz da Torá Escrita. Sem uma não existe a outra. As situações de vida expostas na Mishná são examinadas em consonância com a Torá Escrita, que é a palavra divina indutível, embora muitas vezes de difícil compreensão.

Último Andar: Também é possível considerar o Talmud um dos mais significativos documentos históricos a respeito do processo de adaptação do povo judeu à situação de diáspora, na medida em que o texto é a expressão dos múltiplos diálogos travados pelos sábios entre sua existência/resistência frente a culturas, costumes e tradições religiosas diversas?

Moacir Amâncio: Eu diria modo de sobrevivência, pois o Talmud, incluindo a Lei Oral, a Mishná, escrita em hebraico, enquanto o debate rabínico ocorre em aramaico, a língua franca da época, criaram os mecanismos que, na prática, continuam de um modo ou de outro a ser observados até hoje, mantendo o povo judeu como tal. Claro, hoje existe o laicismo, mas a vida judaica como tal gira, de um modo ou de outro, ao redor da Torá Oral, seja na família, seja na sua identidade, mesmo quando a pessoa se afasta da tradição. A pessoa pode até mesmo se posicionar contra o Talmud, mas isso também significa que ela não está fora do Talmud, o livro de todas as perguntas.

Último Andar: A oralidade é uma grande estratégia de transmissão de conhecimento e produção de identidade para povos que vivem em diáspora. Dessa forma, como o Talmud representa e expressa a tradição oral do povo judeu?

Moacir Amâncio: O Talmud representa e expressa a tradição oral do povo judeu em sua própria estrutura. O método associativo dos debates confunde quem está habituado a sistematizações filosóficas etc., mas aí está a alma do Talmud. As redes de significado se distribuem por todos os tratados e, de repente, falando-se de um alimento qualquer, de algo aparentemente insignificante, surge a opinião de algum sábio relacionando certo detalhe ao que diz este ou aquele profeta, este ou aquele rabino e é como se não tivesse fim, uma galáxia em expansão, pois o debate é construído de tal maneira a estimular seu prosseguimento através das gerações. É um fato que o Talmud não se conclui no livro, o que significa que ele prossegue pela vida afora, pela história, no seu dia a dia. As obras de jurisprudência talmúdica se multiplicaram através dos séculos e continuam se multiplicando. E o interesse pelo Talmud continua, agora além do âmbito judaico, mais do que nunca. O conjunto todo foi traduzido para o árabe há alguns anos e também para o coreano, onde passou a ser estudado para conhecer o povo judeu em sua alma e também para ampliar o conhecimento a respeito do ser humano como tal.

Último Andar: No mesmo sentido da pergunta anterior, você poderia apontar para os nossos leitores um pouco da riqueza e da complexidade do Talmud, pois nele há inúmeras possibilidades de leitura que vão do místico ao científico e ao jurídico.

Moacir Amâncio: Posso dar um exemplo metonímico, mas insuficiente, como será qualquer exemplo. Em linguagem aparentemente simples, o texto talmúdico torna-se abrangente e complexo ao extremo. Ao discutir sobre a posse de um objeto qualquer, surgem muitas perguntas: está perdido ou esquecido? Como saber? Como devolvê-lo ao antigo dono? Isso tudo depende da situação do objeto, do local onde foi encontrado, é novo ou usado? Em princípio é preciso devolvê-lo, mas como saber se quem vier buscá-lo é o verdadeiro dono? Nessa situação, quem encontrou o objeto encontra-se diante de um problema imenso, pois como judeu deve seguir a ética ditada pela Torá, que a rigor não significa lei, mas doutrina, orientação. Quer dizer, ao encontrar algumas moedas no caminho, algumas frutas, uma peça

de roupa, como deve proceder? E se for o caso, como e quando poderá tomar posse do objeto achado de maneira legítima? E há o caso da pessoa que encontra um jumento, alimenta-o pelo prazo limite de espera do proprietário e, portanto, pode se apossar do animal. O antigo proprietário aparece depois e ele o devolve ao antigo dono. Por quê? Nesse caso, ele agiu além da letra da lei e seu comportamento é mais do que exemplar, pois agiu livremente, usou seu livre arbítrio de maneira excepcional, desinteressada. Não vou entrar em mais detalhes, mas nessas situações o comportamento humano revela todas as sutilezas psicológicas, éticas e religiosas. Por que o homem devolveu o jumento? Por causa do seu apego à Torá, que diz: ama o próximo como a ti mesmo. Qual a sua recompensa? O próprio ato que cometeu a devolução. Veja, biblicamente, numa situação mesquinha, pequena, aquele homem vive o sublime no cotidiano mais banal. Se alguém procurar o Talmud a fim de se informar sobre notas científicas da época, também encontrará. Sobre costumes, sobre a mística, claro. Sem falar na legislação.

Último Andar: Segundo o antropólogo Clifortt Geertz “os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade de vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem (...) A religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana (1989, p. 67). Podemos situar o Talmud a partir desta perspectiva de Geertz, como a expressão do *ethos* religioso do povo judeu?

Moacir Amâncio: Sim. O Talmud é como os judeus posteriores à queda do Templo aprenderam e ensinam a ler o mundo e a vivê-lo. É uma obra a respeito do ser humano nos mais diversos sentidos.

Último Andar: Você poderia comentar a respeito de uma ideia polêmica e controvertida que aproxima o Talmud a um livro mágico? Na introdução de sua tradução ao Talmud, você adverte o leitor sobre essa questão, dizendo que essa ideia é incabível dentro do judaísmo.

Moacir Amâncio: Os judeus têm sido as maiores vítimas do preconceito e da ignorância, que se tornam instrumento na mão dos antissemitas. As pessoas, nesses casos,

podem projetar fantasias e pesadelos variados sobre aqueles que desconhecem, ou que temem exatamente por desconhecê-los. Um dos casos graves é o do libelo de sangue, medieval. Judeus em ocasiões diferentes foram responsabilizados pelo assassinato de crianças cujo sangue teria sido usado na confecção do pão ázimo e muita gente morreu, judeus, por causa disso, em ataques coletivos. Desculpe a argumentação grotesca, mas, ora, se o sangue de qualquer animal é vetado ao judeu, quanto mais o sangue humano! Lamentavelmente essas invencionices macabras têm diferentes versões. Bom, há um episódio talmúdico no qual dois rabinos produzem, graças a fórmulas místicas, bezerros para serem abatidos na véspera do Shabat, para a refeição comemorativa do dia sagrado. Isso é imediatamente condenado pelos mestres. Há também a história de um rabino que criou um golem, ou seja, um humanoide que lhe presta serviços. Pois bem, num encontro com um dos mestres, este percebe que não se tratava de uma pessoa propriamente e sim de uma criação artificiosa, pois trazia uma imperfeição decisiva – esses seres criados por homens nunca são “perfeitos” como os humanos, criados por Deus. O mestre desfaz a coisa, que se reduz a pó. Mas vamos avançar um pouquinho nisso porque o foco, na perspectiva atual, dirige-se a outro ponto. Podemos ver nesses casos um motivo para discutir o assunto a partir do consumo da carne do bezerro: seria ela *casher*? Ou seja, apropriada ao consumo de acordo com a religião judaica, que divide os animais entre puros e impuros para o consumo de judeus? Se aquele é um ser que não deveria existir, quanto mais servir de alimento a alguém? Quanto à questão do golem, ela pode ser incluída nisso tudo, ampliando o debate, pois hoje provou-se que é possível criar frankensteins animais e provavelmente humanos em laboratório. Como fica isso do ponto de vista ético? Veja, a partir de uma aparente anedota fantástica temos um motivo atualíssimo para a devida reflexão sobre a ética da ciência. O Talmud fala de certas práticas místicas, mas não é nenhum manual de magia, nem tem poder mágico. Como se sabe, de resto, a Bíblia condena a feitiçaria. O Talmud, portanto...

Último Andar: No texto *Fala do Talmud* você faz uma afirmação muito interessante. Quando diz que o Talmud é consultado de formas à vezes inusitada e cita o biofísico Henry Altan que, em entrevista ao *Le Monde*, comentou que a tradição talmúdica é uma tradição de pesquisa que visa conhecer a estrutura do universo, as relações do homem com o seu meio ambiente e logo se constitui em um sistema explicativo e de compreensão do mundo. Mesmo assim, as formulações (se é que posso chamar assim) encontradas no Talmud, não se encontram dentro dos padrões científicos

da forma como o concebemos, apesar de cientistas, como o biofísico Henry Altan, consultarem o texto. Mesmo assim, do ponto de vista do que chamamos de pensamento “moderno”, esse é um conhecimento que não é considerado como tal, inclusive pelo fato de estar ligado ao pensamento religioso. Você poderia comentar um pouco sobre isso?

Moacir Amâncio: Que pena, você não acha? Mas se for assim, só vejo mais um motivo que justifica o conhecimento, em qualquer nível, do Talmud: o que é humano não pode ser considerado exótico, ou vencido. Seja no terreno jurídico, seja no campo filosófico, ético, o Talmud continua exemplarmente atual. O filósofo Emanuel Levinas, ao estudar o Talmud escreveu uma série de textos motivados pelas pequenas histórias narradas pelos sábios talmúdicos para iluminar questões existenciais, políticas, sociais de hoje. Esses livros foram traduzidos para o português e podem ser facilmente encontrados, sua repercussão por si só nos ensina muito a respeito dessas coisas todas, e comprovam a vitalidade do texto talmúdico, tanto para judeus praticantes, como para os laicos e para qualquer pessoa...

Último Andar: Você afirma que a importância do Talmud como fonte do pensamento judaico teve um papel deflagrador em âmbito maior, não como a Bíblia que foi apropriada por diversas religiões, mas numa outra dinâmica o Talmud se irradiou ao incorporar influências gregas, persas, egípcias, babilônicas e romanas, o que promoveu seu intercâmbio com diversas culturas por meio de processos de adaptação, desvios tendenciosos etc. Você denomina esse processo de “troca-troca com diversos sistemas de ordenação do mundo”, assim podemos pensar que, nesse intercâmbio, o Talmud está mais presente em nosso pensamento do que podemos supor. Vou citar um exemplo citado por você: “ o Direito Canônico se socorreu no Talmud ao tratar de casamentos que não chegaram a se efetivar, abrindo a perspectiva de sua anulação legal. Por favor, fale mais sobre as dimensões desse intercâmbio.

Moacir Amâncio: Sim, o Talmud, depois da Bíblia Hebraica, é o livro que tem inspirado os judeus através das gerações na vida e também na sua expressão. Os métodos de estudo ali contidos; o modo de dizer; os exemplos contidos nas pequenas narrativas, nos poemas que surgem de modo repentino lá dentro; a psicologia daquelas personagens todas motivaram e motivam escritores judeus e direta ou indiretamente também influenciaram e influenciam outros grupos. Não nos esqueçamos, o Talmud surgiu num período de grandes tragédias para o povo judeu, a partir da queda do Templo, das expulsões, da prática de viver

em novas e estranhas situações, em contato com idiomas e culturas diversas, sob domínios diversos etc., está tudo refletido ali, inclusive no registro de termos e hábitos gregos, romanos, persas, babilônicos etc. Basta atentar ao caráter bilíngue do Talmud: a Lei Oral, a Mishná, é registrada em hebraico, um hebraico posterior ao bíblico, para dizer o mínimo. Mas a discussão dos sábios ocorre normalmente em aramaico. O livro, portanto, fala o idioma do seu tempo e simultaneamente ecoa e está impregnado da Bíblia Hebraica. Fala de todas as questões em forma de leque, aberto para todas as direções, nesse sentido, levanta dúvidas, suspeitas, fantasias tornando-se poeticamente criador, é a Torá em expansão, na perspectiva judaica, evidentemente.

Professor Moacir Amâncio, a equipe da revista *Último Andar* agradece imensamente e sente-se honrada em ter sua contribuição.